

Zahidé Lupinacci Muzart

*tem os que passam
e tudo se passa
com passos já passados
tem os que partem
da pedra ao vidro
deixam tudo partido
e tem, ainda bem,
os que deixam
a vaga impressão
de ter ficado
Alice Ruiz*

Vou começar pela última mensagem escrita que ela me mandou dia 09 de outubro:
- Como foi a reunião-almoço da REF?
E eu respondi: - Vou te telefonar.

Quería lhe contar que tínhamos tomado tantas decisões, como não fazer mais a revista impressa; queria dizer quem tinha ido à reunião e queria que me contasse como tinha sido a sua palestra no Seminário Internacional História da Literatura, da PUC-RS. Telefonei no dia seguinte e ela não me atendeu. Era normal: ou estaria vendo uma de suas séries e bons filmes ou estudando piano, como fazia nos sábados à tarde.

Fui ter essa conversa adiada com ela dia 14 de outubro, junto com Mara Lago, já no Hospital. Ficou feliz em nos ver. A partir daí foram mais treze dias de esperança e luta. Tive tempo de ler a questão que citava Simone de Beauvoir, a proposição da redação do ENEM e escutar dela: "Nossa! Não acredito". O mesmo "não acredito" que ela me disse quando lhe contei que Roselane e Lúcia, atuais reitora e vice-reitora da UFSC, não passaram para o segundo turno na eleição para a Reitoria. A nossa amizade passava por esse diálogo cotidiano e sempre me impressionava o seu desejo de estar na UFSC, torcer pela UFSC, para a qual se dedicou tão intensamente a partir do momento em que se aposentou, em 1994, e teve mais tempo para excelentes orientações, para participar do nuLIME, núcleo Literatura e Memória, da linha de pesquisa Crítica Feminista e Estudos de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Literatura, da coordenação do IEG, da organização das dez edições do Seminário Internacional Fazendo Gênero, das editorias de artigos e de resenhas da REF e, especialmente, para a sua Editora Mulheres e para a tarefa de reescrever uma nova história da literatura brasileira, dando visibilidade às escritas de mulheres do século XIX e à crítica e à teoria feminista dos séculos XX e XXI. Esse é o legado.



Esta obra está sob licença *Creative Commons*.

O meu texto não consegue ir além dessa relação fraterna, mas quer, nessa justa homenagem, pensar sobre a Editora Mulheres e seu objetivo de recuperar, editar ou reeditar obras de escritoras do passado, sejam elas brasileiras ou não. A homofonia na minha leitura ao falar *editora/Editora* me remete tanto ao campo editorial quanto à professora e pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, cujos papéis se fundiram e se confundiram no fazer história literária. Editora e editora, onde começava uma e onde terminava a outra? Zahidé se dedicou a pesquisar, com um grupo de professoras igualmente empenhadas, as escritoras do passado, a visibilidade e o acesso de vozes teóricas e críticas contemporâneas, incluindo a dela, Pesquisadora 1 A do CNPq durante tantos anos.

Com Zahidé foi possível ampliar a história cultural brasileira e escrever uma história que não apenas incluiu nomes de autoras e obras, mas, apresentou, em uma linha editorialmente coerente, outras e silenciadas formas de ler e de escrever, especialmente porque o trabalho editorial da Editora Mulheres foi cercado de paratextos: olhares críticos contemporâneos de pesquisadoras que se debruçavam sobre os textos e sobre a teoria que deles emergiam. “Uma editora de fundo de quintal”, expressão utilizada modestamente por não ter funcionários, nem sede, nem bons distribuidores. Zahidé Muzart e sua Editora escreveram um importante capítulo na história do livro no Brasil, permitiram a possibilidade de se ter outro entendimento de pequenas editoras, da edição, da circulação e difusão do livro, da produção de conhecimento nas universidades, dos órgãos culturais e da intervenção das bolsas de produtividade pelos órgãos de fomento.

Zahidé materializou em cada cor, em cada capa, em cada textura de papel, na escolha dos tipos e da editoração, em cada título, em cada nome próprio, em cada texto crítico, em cada prefácio, em cada apresentação, a história das mulheres. Exercitou durante toda a sua vida essa arte de cuidar: a capa, a orelha, a contracapa, a autora, a apresentação, a biografia, o ensaio crítico, a bibliografia. O livro, para a Editora e para Zahidé, era visto como um espaço, um lugar, uma morada e, por essa razão, congregou inegavelmente um dos maiores e sólidos grupos de pesquisadoras brasileiras dos séculos XX e XXI, ao materializar e concretizar o investimento público e privado na pesquisa; ao disseminar o conhecimento; ao solidificar os estudos feministas e dar, assim, espaço e voz para a teoria e para a crítica feminista. Fizemos, fazemos e faremos parte desse coro de muitas e afinadas vozes da história do feminismo. Seja fazendo gênero ou reescrevendo, no Brasil, mundos de mulheres. Como ela sonhou. Como ela acreditou.

Tânia Regina de Oliveira Ramos